

Ana Paula de Oliveira Loureiro

**TEMPO VERBAL E CONTEXTO VERBAL-
PROCESSUAL:
"LOCALIZAÇÃO" E "OBJECTO DA LOCALIZAÇÃO"**

Estudo em semântica dos tempos verbais

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

2007

Dissertação de Doutoramento em Letras, na área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Linguística Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação de

Professor Doutor Jorge Manuel de Morais Gomes Barbosa

ÍNDICE

Símbolos e convenções	5
APRESENTAÇÃO	7
1. Objecto, objectivos, princípios e métodos	9
2. Introdução ao tema	13
3. Organização da dissertação	16
PARTE I	
O sistema verbal na gramática tradicional. Formas e funções. Tempo e tempos. O presente, o passado e o futuro: o PR, o IMP e o FUT	17
Apresentação	19
Capítulo 1: As formas do sistema verbal nas gramáticas: número e natureza	23
1. Constituição dos sistemas verbais: breve resumo das propostas	26
1.1. Nas Ortografias	27
1.2. Nas Gramáticas	28
1.2.1. Sistemas com menos de 20 formas	28
1.2.2. Sistemas com 20 ou mais formas	32
Capítulo 2: As funções do sistema verbal na GT. O tempo e o modo	37
1. As categorias centrais: o modo e o tempo	37
1.1. Verbo, modo e tempo	38
1.2. Função modal e função temporal: hierarquia, osmose, incompatibilidades	39
1.3. Verbo e modo. Verbo e tempo	42
1.4. O tempo como única categoria. Expedientes complementares de classificação	42
1.5. Verbo é acção. Verbo é afirmação	44
2. A "terceira categoria"	45
2.1. Os "estados da existência" de BARBOSA 1830(1822)	46
2.2. O aspecto	46
3. O(s) modo(s): critérios de identificação, número e natureza	47
3.1. Critérios de abordagem	48
3.1.1. Abordagens semânticas	48
3.1.2. Abordagem sintáctica	50
3.1.3. Os marcadores contextuais modais	52
3.1.4. Abordagem formal	54
3.2. Os modos: número, natureza e relações	54
3.2.1. Modos: modelos de ordenação	58
3.2.2. Principais sistemas-tipo	60
4. O tempo	62
4.1. Conceitos do tempo	66
4.1.1. Lugar para uma definição de tempo no discurso gramatical	66
4.1.2. O Tempo e o(s) tempo(s)	69

4.1.2.1. Tempo, "tempo" e tempo verbal	69
4.1.2.2. Do Tempo (<i>continuum</i>) ao tempo (segmentado): movimento, momento, mudança	71
4.1.2.2.1. Tempo, movimento e mudança	71
4.1.2.2.2. Medidas do tempo: a duração	73
4.1.2.2.3. Tempo, mo(vi)mento	73
4.1.2.2.4. Tempo e temporário	75
4.1.2.2.5. "Ser temporário" vs. "ser permanente (a unidade da existência na fragmentação da ocorrência)	76
4.1.2.2.6. Permanente e temporário: existências e co-existência, a sintaxe do tempo	78
4.1.2.2.7. Do tempo interno (tempo do verbo) ao tempo externo (tempo verbal): (co-)existência e localização	80
4.1.2.3. O tempo externo segmentado e relativo: o TEMP-LOC	81
4.1.2.3.1. Os paradoxos do tempo tripartido: a espacialização do tempo	82
4.1.2.3.2. O objecto da localização	87
4.1.2.3.3. O marco de localização	89
4.2. Sistemas de tempos na GT. Formas e funções	89
4.2.1. Número de tempos e número de formas	90
4.2.2. Modelos de organização e hierarquia dos tempos	95
4.2.2.1. Modelo de BARROS 1540	95
4.2.2.2. Modelo dos três tempos naturais	96
4.2.2.3. Modelo dos tempos primários e tempos secundários	97
Capítulo 3: O Presente na GT	99
1. O Intervalo de tempo de Referência / Processo de Referência	101
1.1. O I-Ref não se justifica directamente na enunciação	103
1.2. O I-Ref é o I-Enunc	104
1.3. O I-Ref inclui o I-Enunc	105
1.4. Subjectivização do I-Ref	105
2. O Processo / O Intervalo de tempo do Processo	106
3. A Relação entre os Intervalos/Processos	108
4. O exemplo ilustrativo	109
5. Tipologia dos empregos do presente na GT	110
5.1. Tipologia de OLIVEIRA 1880(1862)	122
5.2. Tipologia de DIAS 1884(6 ^a).	123
5.3. Tipologia de RIBEIRO 1888(2 ^a)	123
5.4. Tipologia de AZEVEDO 1892	124
5.5. Tipologia de VASCONCELOS 1899	124
5.6. Tipologia de DIAS 1918	124
5.7. Tipologia de Said Ali (1964)	125
5.8. Tipologia de Cunha & Cintra (1996)	126
Capítulo 4: O Passado na GT	127
1. Sistemas de organização dos tempos do passado	129
1.1. SSV-TP: TEMP-LOC e TEMP-PROC (teoria aspectual)	131

1.2. SSV-TP: TEMP-LOC1 ou TEMP-LOC1+2. Teoria dos tempos relativos	132
1.3. SSV-TP: TEMP-LOC1 ou TEMP-LOC2. Teoria dos tempos relativos II	134
1.4. SSV-TP: teoria integrada aspectual e dos tempos relativos	135
1.5. SSV-TP: TEMP-LOC e TEMP-DIST (um terceiro critério)	135
2. O pretérito imperfeito do indicativo (IMP)	137
2.1. Designações	137
2.2. Ordenação (apresentação) dos tempos: a posição do IMP	140
2.3. Funções do IMP: tempo(s) e aspecto(s)	142
2.3.1. IMP: passado deíctico e configuração aspectual imperfectiva	142
2.3.1.1. Um TV do passado deíctico	142
2.3.1.2. Um passado imperfeito	143
2.3.1.2.1. Imperfeito: total com duração quantificada	145
2.3.1.2.2. Total com duração quantificada relativa	146
2.3.1.2.3. Imperfeito: total com mostração da duração	146
2.3.1.2.4. Imperfeito de acção total plural (IMP iterativo)	148
2.3.1.2.5. Imperfeito de acção total em ruptura e transição	149
2.3.1.2.6. Imperfeito: parcial, inacabado "de facto"	151
2.3.1.2.7. Imperfeito: parcial, inacabado de dito	153
2.3.1.2.8. Inacabado e modo de acção (tópicos)	156
2.3.2. IMP: TEMP-LOC(1+2)	157
2.3.3. IMP: TEMP-LOC2(nível 2)	158
Capítulo 5: O Futuro na GT	159
1. “Futuro”, “futuro verbal” e FUT. FUT: localização, "modo do tempo" e aspecto	159
2. Para o conceito do “tempo futuro” na GT	163
2.1. Designações	163
2.2. Classificação da forma de Futuro na tabela de funções	164
2.3. Futuro é o tempo em que há-de vir; futuro é a forma; futuro declara que...	165
2.4. As “traduções” do FUT: será, ainda não é, há-de ser, deve ser...	166
2.5. Futuro situado e futuro projectado: tempo, aspecto e modo	167
2.5.1. Futuro situado: localização e aspecto	168
2.5.1.1. Localização no futuro: ruptura e sequência	171
2.5.1.2. Localização no futuro: ruptura e continuidade	171
2.5.1.3. Localização e espaço entre os intervalos: "pré-processo" e "distância"	172
2.5.1.4. Localização no futuro: FUT e Pt_Ref	173
2.5.2. Futuro projectado: a emergência do modal	173
2.6. As subdivisões do futuro: número e natureza	175
2.6.1. Harris (1796), BACELAR 1783 e BARBOSA 1830(1822)	175
2.6.2. Futuro imperfeito e futuro perfeito	176
2.6.3. Futuro absoluto e futuro relativo	177
2.6.4. Futuro absoluto, futuro imperfeito e futuro perfeito	178
2.6.5. Futuro do presente e futuro do pretérito	178
2.6.6. Futuro simples e futuro composto	178
2.6.7. Futuro 1º e futuro 1º anterior; futuro 2º e futuro 2º anterior	179

2.6.8. FUT e formas perifrásticas: futuro próximo, futuro imediato, etc.	179
2.7. Valores do FUT: tempo e modo	179
2.7.1. Valor temporal de "futuro"	181
2.7.2. Valor temporal de "presente" e modal de "incerteza"	181
2.7.3. Valor de "imperativo"	183
2.7.4. FUT em orações condicionadas	185
2.7.5. Valor temporal de "futuro histórico"	185
2.7.6. Valor atemporal	185
2.7.7. Listas de empregos na GT	186
2.7.8. FUT e relações de substituição	188
2.8. FUT e disponibilidade no discurso	190

PARTE II

Funções dos tempos verbais. Função de "localização": tempos verbais e "objecto da localização". O núcleo temporal processual. Proposta tipológica	191
---	-----

Capítulo 1: As funções do tempo verbal. O tempo-localização: objecto da localização.

PV e estrutura intervalar interna: o intervalo para localização	193
1. Tempo verbal: função central de "localização" (TEMP-LOC)	193
1.1. TEMP-LOC e sistema verbal: os tempos do indicativo	194
1.2. "Localização temporal": tempo verbal/tempo-linguístico e Tempo	195
1.2.1. Tempo verbal e Tempo: épocas, tempos e empregos dos tempos	198
1.2.2. Tempo verbal e Tempo: intervalos de tempo e intervalos de Tempo	199
1.2.2.1. Localização-orientação (vs. "localização exacta")	200
1.2.3. Tempo verbal e origem: o momento da enunciação	201
1.3. "Localização têmporo-linguística": tempo verbal e tempo adverbial	202
1.3.1. Tempo verbal e tempo linguístico: "obrigatoriedade" de TV	203
1.3.2. Tempo verbal e tempo linguístico: novamente a natureza do "intervalo da localização"	203
2. Outras funções de TV: função aspectual e função modal	204
2.1. Tempo verbal e visão	204
2.2. Tempo verbal e modo/modalidade	207
3. Tempo verbal e localização: origem e translação temporal	208
3.1. Localização, origem e translação: a "perspectiva"	210
3.2. Localização, origem e translação: o "terceiro intervalo"	211
3.3. Tempo verbal e modos de enunciação: translação e "desancoragem"	212
3.3.1. Modos de enunciação e tempo verbal: subsistemas de TV	214
3.3.1.1. O subsistema dos tempos do discurso / comentário	216
3.3.1.2. O subsistema dos tempos da história/ narração	217
4. Tempo verbal e estrutura processual interna: os modos de acção	217
5. Tempo verbal e estrutura temporal interna de PV: o objecto de localização	221
5.1. Estrutura intervalar de PV: existências, co-existência e localização têmporo-verbal	223
5.2. Co-existência, tempo do verbo e tempo-nominal. Unidade da substância e fragmentação da ocorrência	223
5.3. Particularidade de alguns tempos-nominais no PV	224

5.4. Co-existência: tempo e predicados com VB ser	225
5.5. PV e estrutura intervalar interna: distribuição e actualização de TV em VB/PV	226
5.5.1. Valores de TV e estrutura interna de PV: o "presente permanente"	227
5.6. PV e estrutura intervalar interna: co-existência, con-substancialidade e co-extensão	229
Capítulo 2: Estrutura intervalar interna dos processos. Variantes de NTP: IntPVLoc e IntExist. Tipologia de PV	231
1. PV com NTP verbal	236
2. PV com NTP verbo-argumental	239
2.1. PV com NTP verbo-argumental de ARG1	239
2.2. PV com NTP verbo-argumental de ARG2	240
2.3. PV com NTP verbo-argumental de ARG1+2	241
3. PV com NTP não-verbal	241
3.1. PV com NTP não-verbal de ARG2	242
3.2. PV com NTP não-verbal de ARG2+1	243
3.3. PV com NTP não-verbal de ARG1	245
PARTE III	
Os TVSI no DOE. Frequências e contextos. Contexto pessoal, verbal e adverbial. Contexto verbal-processual de NTP: ocorrências com PV construídos com ESTAR	247
1. Apresentação	249
1.1. O <i>corpus</i> : (de)limitações	250
1.1.1. Repetições / Hesitações / Alternâncias	250
1.1.2. Estruturas truncadas, cristalizadas, da enunciação	250
1.1.3. Construções de voz passiva	252
1.1.4. Construções do tipo "VB1+VB2"	253
1.1.5. Construções com ser "pró-forma"	261
1.2. O <i>corpus</i> : convenções na transcrição e apresentação dos casos	264
Capítulo 1: Perfil global dos TVSI no DOE: frequências e contextos frásicos – contexto pessoal, verbal e adverbial	267
1. TVSI e níveis de frequência: frequência total e frequência por texto	267
1.1. PR: frequências de ocorrência	268
1.2. IMP: frequências de ocorrência	268
1.3. PRET: frequências de ocorrência	269
1.4. FUT: frequências de ocorrência	269
2. TV e contexto pessoal	272
2.1. TVSI: distribuição por contexto pessoal-gramatical	275
2.1.1. PR: contexto pessoal-gramatical – gráfico	276
2.1.2. IMP: contexto pessoal-gramatical – gráfico	276
2.1.3. PRET: contexto pessoal-gramatical – gráfico	277
2.1.4. FUT: contexto pessoal-gramatical – gráfico	277
2.2. TVSI: distribuição por contexto pessoal-referencial	277

2.2.1. PR: contexto pessoal-referencial (tabela)	278
2.2.2. IMP: contexto pessoal-referencial (tabela)	279
2.2.3. PRET: contexto pessoal-referencial (tabela)	279
2.2.4. FUT: contexto pessoal-referencial (tabela)	279
3. TV e contexto verbal	280
3.1. PR: contextos verbais	281
3.2. IMP: contextos verbais	282
3.3. PRET: contextos verbais	282
3.4. FUT: contextos verbais	282
3.5. TVSI: contextos verbais (tabelas comparativas)	283
3.5.1. TVSI: contextos verbais (tabela comparativa)	283
3.5.2. Lista de PR, listas de IMP, PRET e FUT e lista do Português Fundamental (tabela comparativa)	284
4. TV e contexto adverbial (têmporo-adverbial)	285
4.1. Tempo verbal, tempo adverbial e configuração de PV	285
4.2. Descrição das ocorrências: critérios de classificação	288
4.3. Casos seleccionados; casos particulares	293
4.4. TVSI e ADV: frequências e tipos de combinações	296
4.4.1. PR: contextos adverbiais	298
4.4.1.1. PR e adverbiais de localização simples	299
4.4.2. IMP: contextos adverbiais	300
4.4.2.1. IMP e adverbiais de localização simples	301
4.4.3. PRET: contextos adverbiais	303
4.4.3.1. PRET e adverbiais de localização	304
4.4.4. FUT: contextos adverbiais	307
4.4.4.1. FUT e adverbiais de localização	308
Capítulo 2: TVSI e contexto de NTP: o caso dos PV com estar	309
1. Construções com Staradj ([+consustancial], [±transitório], NTP de ARG2/2+1, 1/2Int)	313
1.1. Construções do tipo staradj1 ([+consustancial], [±transitório], NTP de ARG2/2+1 e 2/1Int)	321
1.1.1. <i>Corpus</i> : casos de staradj1	322
1.1.1.1. Staradj1 + PR	322
1.1.1.1.1. Staradj1 + PR: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	323
1.1.1.1.2. Staradj1 + PR: [+consustancial], [-transitório], NTP de ARG2 e 2Int	324
1.1.1.1.3. Staradj1 + PR: [+consustancial], [-transitório], NTP de ARG2+1 e 1Int	325
1.1.1.1.4. Staradj1 + PR: configurações de localização externa (TEMP-LOC)	325
1.1.1.1.5. Staradj1 + PR: combinações com ADV	328
1.1.1.2. Staradj1 + IMP	329
1.1.1.2.1. Staradj1 + IMP: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	329
1.1.1.2.2. Staradj1 + IMP: [+consustancial], [-transitório], NTP de ARG2 e 2Int	329
1.1.1.2.3. Staradj1 + IMP: [+consustancial], [-transitório], NTP de ARG2+1 e 1Int	330
1.1.1.2.4. Staradj1 + IMP: configurações de localização externa (TEMP-LOC)	330
1.1.1.2.5. Staradj1 + IMP: combinações com ADV	331

1.1.1.3. Staradj1 + PRET	332
1.1.1.3.1. Staradj1 + PRET: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	332
1.1.1.4. Staradj1 + FUT	332
1.1.1.4.1. Staradj1 + FUT: [+consustancial], [-transitório], NTP de ARG1 e 1Int	332
1.2. Construções do tipo staradj2 ([+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	333
1.2.1. Corpus: casos de staradj2	333
1.2.1.1. Staradj2 + PR	333
1.2.1.1.1. Staradj2 + PR: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	333
1.2.1.1.2. Staradj2 + PR: configurações de localização externa (TEMP-LOC)	335
1.2.1.1.3. Staradj2 + PR: combinações com ADV	337
1.2.1.2. Staradj2 + IMP	337
1.2.1.2.1. Staradj2 + IMP: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	337
1.2.1.3. Staradj2 + PRET	338
1.2.1.3.1. Staradj2 + PRET: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	338
1.2.1.4. Staradj2 + FUT	338
1.2.1.4.1. Staradj2 + FUT: [+consustancial], [+transitório], NTP de ARG2 e 2Int	338
2. Construções com StardeN ([±consustancial], [+transitório], NTP verbal/argumental, 2/3Int)	339
2.1. Construções do tipo stardeN1	340
2.1.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN1	341
2.1.1.1. StardeN1 + PR	341
2.1.1.2. StardeN1 + IMP	342
2.1.1.3. StardeN1 + PRET	342
2.1.1.4. StardeN1 + FUT	342
2.2. Construções do tipo stardeN2	342
2.2.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN2	343
2.2.1.1. StardeN2 + PR	343
2.2.1.2. StardeN2 + IMP	343
2.2.1.3. StardeN2 + PRET	343
2.2.1.4. StardeN2 + FUT	344
2.3. Construções do tipo stardeN3	344
2.3.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN3	344
2.3.1.1. StardeN3 + PR	344
2.3.1.2. StardeN3 + IMP	345
2.3.1.3. StardeN3 + PRET	345
2.3.1.4. StardeN3 + FUT	345
2.4. Construções do tipo stardeN4	345
2.4.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN4	346
2.4.1.1. StardeN4 + PR	346
2.4.1.2. StardeN4 + IMP	346
2.4.1.3. StardeN4 + PRET	346
2.4.1.4. StardeN4 + FUT	346
2.5. Construções do tipo stardeN5	346
2.5.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN5	347

2.5.1.1. StardeN5 + PR	347
2.5.1.2. StardeN5 + IMP	347
2.5.1.3. StardeN5 + PRET	347
2.5.1.4. StardeN5 + FUT	347
2.6. Construções do tipo stardeN6	347
2.6.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de stardeN6	348
2.6.1.1. StardeN6 + PR	348
2.6.1.2. StardeN6 + IMP	348
2.6.1.3. StardeN6 + PRET	348
2.6.1.4. StardeN6 + FUT	348
2.7. Construções com stardeN7 [-consustancial], [+transitório], NTP verbal, 3Int	348
3. StardeN-starloc ([±consustancial], [±transitório], NTP verbal ou verbo-argumental de ARG2 ou 2+1 e 1/2Int)	349
3.1. Starloc1 [-consustancial], [+transitório], NTP verbal, 3Int	349
3.1.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de starloc1	351
3.1.1.1. Starloc1 em contexto de PR: localizações têmporo-espaciais	351
3.1.1.1.1. Starloc + PR: contextos de ADV	353
3.1.1.1.2. Starloc1 + IMP	353
3.1.1.1.3. Starloc1 + PRET	356
3.1.1.1.4. Starloc1 + FUT	357
3.2. Starloc2 [±consustancial], [-transitório], NTP verbo-argumental de ARG1, 2Int	357
3.2.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de starloc2	359
3.2.1.1. Starloc2 + PR	359
3.2.1.2. Starloc2 + IMP	360
3.2.1.3. Starloc2 + PRET	360
3.2.1.4. Starloc2 + FUT	360
3.3. Starloc3 [-consustancial], [+transitório], NTP verbal, 3Int	361
3.3.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de starloc3	362
3.3.1.1. Starloc3 + PR	362
3.3.1.2. Starloc3 + IMP	363
3.3.1.3. Starloc3 + PRET	363
3.3.1.4. Starloc3 + FUT	364
4. StardeN-startmp	364
4.1. <i>Corpus</i> : ocorrências de startmp	365
4.1.1. Startmp + PR	365
4.1.2. Startmp + IMP	366
4.1.3. Startmp + PRET	366
4.1.4. Startmp + FUT	366
5. Observação final	366
CONCLUSÃO	369
BIBLIOGRAFIA CITADA	381
ÍNDICE	393

APRESENTAÇÃO

1. Objecto, objectivos, princípios e métodos

O presente estudo enquadra-se no âmbito dos estudos em *semântica dos tempos verbais*¹ e tem por objectivo genérico contribuir para a identificação das funções² desses itens (TV) na configuração temporal discursiva dos *processos verbais frásicos* (PV).³ Em concreto, propomos que se abordem os *tempos*, na sua função central de *localização*, a partir de uma coordenada objectiva (processual) e suas variações, a saber, o *objecto da localização*.

¹ Incluímos neste âmbito os estudos que com maior ou menor extensão e exaustão apresentam descrições e teorizações acerca dos valores e funções dos tempos verbais. É, portanto, neste sentido, parte do problema da semântica dos TV não só a sua função no sistema (a sua localização funcional na tabela das categorias), mas também os diferentes sentidos associados a diferentes contextualizações frásicas e discursivas.

Numa lista que não pretende ser exaustiva, são referência nesta área, para além da *construção fundamental* erguida pelos gramáticos, os trabalhos (teóricos e/ou descritivos) desenvolvidos por autores como Gustave Guillaume (cf. Guillaume 1970), Coseriu, Damourette e Pichon, (indirectamente também) Karl Bühler (Bühler 1961), Émile Benveniste (Benveniste 1966), Harald Weinrich (Weinrich 1968), A. Klum (Klum 1961), H. Reichenbach, Paul Imbs (Imbs 1960), Holger Sten (Sten 1973), W. Bull, Robert Martin (por exemplo, Martin 1971), Guillermo Rojo (Rojo 1974 e 1990), R. Navas Ruiz (cf. Navas Ruiz 1986), Frédéric Nef (Nef 1986), J. A. Porto Dapena (Porto Dapena 1987, 1989, 1991), Carl Vetters (Vetters 1996), entre muitos outros.

Para o português, refiram-se, entre outros, os seguintes investigadores, que desenvolveram trabalhos na área dos *tempos*, da sua organização e valores: Manuel de Paiva Boléo (Boléo 1929, 1934-35 e 1965), Maria da Graça Carpinteiro (Carpinteiro 1961), Holger Sten (Sten 1973), J. Morais Barbosa (Barbosa 1989, 1998a, 1998b), Fernanda Irene Fonseca (entre outros, cf. Fonseca 1992 e 1994), Maria Henriqueta Costa Campos (cf., por exemplo, Campos 1988), Henrique Barroso (Barroso 1994), Fátima Oliveira (cf., entre outros, Oliveira & Lopes 1995), Ana Cristina Macário Lopes (cf., entre outros, Lopes 1995, Oliveira & Lopes 1995), Maria Joana Santos (Santos 2003), Paulo Nunes da Silva (Silva 1998).

² O termo *função* será aqui usado no seu sentido menos comprometido teoricamente, remetendo genericamente para os valores (de sistema e de uso) e aplicações das formas em causa na descrição das situações frásicas.

³ Entendemos por *processo* ou *processo verbal* (PV) a situação descrita na frase, ora na sua natureza mais lata, ora particularmente observada na sua constituição material e material-temporal. Aproveitando os termos utilizados por Imbs (1960: 9), podemos dizer que: «[...] nous nous représentons la situation comme un milieu où *existe* ou *arrive* quelque chose, et nous disons que le verbe a pour fonction d'exprimer le côté existentiel ou événementiel de la situation; c'est ce côté existentiel ou événementiel d'une situation que la linguistique française a coutume d'appeler un *procès* (ou *processus*).». Este termo não é, assim, aqui usado no sentido estrito que lhe é atribuído no âmbito dos estudos sobre o *aspecto verbal* ou *Aktionsart* (cf. Vendler 1967); não deve, por isso, ser entendido nem como hiperónimo nem como hipónimo na classificação dos *modos de acção*.

Assumimos, assim, como princípio básico, e na linha quer da abordagem gramatical tradicional (falaremos genericamente de GT, *gramática tradicional*),⁴ quer de diferentes trabalhos desenvolvidos em semântica dos *tempos*, que os TV são função de diferentes variações contextuais e situacionais, mas que assumem centralmente, em português (mas também em muitas outras línguas), a função principal de *localização* (à qual outras funções, de certo modo, se ajustarão).

Assumimos, com isto, uma proximidade estratégica à gramática tradicional, enquanto sede e origem de conceitos, princípios basilares e modelos de tratamento incontornáveis em qualquer descrição do *sistema verbal*^{5,6}. Dessa gigantesca herança daremos modestamente conta sobretudo na primeira parte da dissertação. Teoricamente, seguimos e revimos também as orientações e resultados de trabalhos linguísticos de referência desenvolvidos no âmbito da semântica dos tempos verbais, com destaque para os estudos de Imbs (1960), Klum (1961), Benveniste (1966), Weinrich (1968), Sten (1973), Rojo (1974), Rojo (1990), Fonseca (1992), entre outros.

Para a composição dos esquemas de localização têmporo-verbal, identificam-se habitualmente duas coordenadas centrais, a saber, o *marco referencial* (tipicamente o *momento da enunciação* - ME) e a posição dos factos relativamente a esse marco (relação de orientação ou perspectiva). Pela nossa parte, propomo-nos considerar ainda, como referimos, para além destas duas componentes, o *objecto da localização*. Consideramos, a este respeito, que a localização, em sentido lato, dependerá também da organização interna dos PV, isto é, da selecção do sub-intervalo que na estrutura composta do processo ficará confinado na configuração têmporo-verbal.

⁴ Utilizaremos o termo *gramática tradicional* (GT) para, simplificada, referirmos o conjunto dos textos (e suas propostas teóricas) que garantiram a descrição da língua e do seu funcionamento antes da emergência da linguística (finais do séc. XIX / inícios de XX - a referência a Saussure assume normalmente a função de marco temporal), mas também genericamente todos os textos gramaticais que seguem modelos clássicos de abordagem da língua.

⁵ Entendemos por *sistema verbal* o conjunto de todas as formas (simples ou compostas) que incidem no verbo e às quais se atribui uma função de configuração gramatical de "tempo", "aspecto" ou "modo". Correspondem essencialmente estas formas às chamadas *formas conjugadas do verbo*, mas devemos incluir aqui também construções complexas que, com maior ou menor grau de gramaticalização, têm por função conformar o processo verbal do ponto de vista ora modal, ora aspectual, ora temporal. A questão dos limites do sistema verbal, que é, sem dúvida, central para a identificação das funções distintivas das formas que o compõem, será apenas genericamente abordada a propósito das tipologias (formas e funções) propostas na GT (cf. *Parte I*).

⁶ Acreditamos, com Moeschler (1998: 3), que «[...] le domaine de la référence temporelle [...] ne pouvait être abordé sans un regard critique mais non *a priori* de la tradition grammaticale et linguistique.».

Os pontos de partida são os seguintes: entendemos (1º) que a composição temporal interna de PV é tipicamente e potencialmente pluri-intervalar, (2º) que os processos verbais apresentam *configurações intervalares internas* muito diferentes, dependendo ora das relações materiais inter-existências, ora das suas relações temporais, e (3º) que estas diferenças têm efeitos sobretudo na determinação do intervalo da co-existência ou *intervalo processual verbal para localização* (IntPVL_{oc}). Proporemos, a propósito, uma tipologia global (mínima) dos PV, tendo em conta a organização interna das *substâncias* e seus "tempos" ou intervalos ("tempos de existência" e "tempo do processo"). Procuraremos, especificamente, encontrar evidências de variações nas configurações têmporo-verbais (variações de valores mas também variações de TV) relacionadas com variações nesta componente específica da localização.

A relação dos TV (TVI, em particular) com a localização é indexada muitas vezes às possibilidades de co-ocorrência com itens adverbiais. Conforme verificaremos, variações a este nível (preferências, restrições ou incompatibilidades) decorrem também de variações ao nível da *estrutura intervalar interna* de PV. Observaremos, em concreto, que, os ADV apresentam níveis de frequência relativamente baixos no discurso, facto que pode, efectivamente, indiciar, para além de divergências ao nível do alcance discursivo (textual nos ADV; limitado à frase, nos TV) das informações, sobretudo particularidades ao nível dos processos de temporalização em causa – a baixa frequência de ADV pode ser relacionada, neste sentido, e inversamente, com a elevada frequência de PV com determinadas *estruturas intervalares internas*.

Para o tratamento do tema, seleccionámos um subconjunto específico de TV, a saber, o subconjunto formado pelos *tempos verbais simples do indicativo com função de localização deíctica* (referidos simplesmente como TVSI) – serão, assim, descritas ocorrências das formas de *presente* (PR), de *pretérito imperfeito* (IMP), de *pretérito perfeito* (PRET) e de *futuro* (FUT). Representam estes TV, a que se atribui uma função primeira de localização, as três épocas da localização tradicionalmente consideradas – o "passado", o "presente" e o "futuro".

Assumimos, por outro lado, na linha de Benveniste (1966) e Weinrich (1968), que o sistema verbal do português não se apresenta da mesma forma para os diferentes produtos discursivos; isto é, subscrevemos a ideia de que o conjunto das formas flexionadas do verbo, nomeadamente as formas do modo indicativo, reflecte na sua própria constituição e organização a variação discursiva, nas suas componentes centrais de "subjectividade" e "tempo". Ora o subconjunto de TV seleccionado só se encontra plenamente disponível no plano do *discurso* (Benveniste 1966) ou *comentário* (Weinrich 1968) – uma marca complementar (mas relacionada com a actualização do SV e sobretudo com a forte presença de um dos seus TV, o

PR) deste tipo de atitude enunciativa é a disponibilidade nos PV também de todas as pessoas gramaticais, com destaque para as primeiras e segundas pessoas (tal como com o TV, também ao nível do contexto pessoal, o modo do *discurso* admite o sistema na sua totalidade).

Seleccionámos, por isso, um *corpus* de emissões discursivas do *modo do discurso*. Procedendo a uma terceira restrição do objecto, optámos, especificamente, pelo tratamento de textos *dialogais orais espontâneos* (falaremos de *discurso oral espontâneo* ou DOE), dada a sua representatividade (frequência e funcionalidade) no conjunto das emissões discursivas dos sujeitos enunciadorees (não só do plano do *discurso*). Em concreto, optámos por trabalhar com o *corpus_DOE* disponibilizado no *Português Fundamental* (cf. *Bibliografia citada*).

Optámos, por outro lado, metodologicamente, por uma descrição do *corpus* apoiada em instrumentos de tratamento estatístico. Utilizámos, para a constituição das bases de dados e respectiva *descrição estatística* (definida em Reis 1991: 15 como a «recolha, apresentação, análise e interpretação de dados numéricos através da criação de instrumentos adequados: quadros, gráficos e indicadores numéricos»), a ferramenta SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).⁷ Entendemos que, para o efeito, a redução e sintetização estatística dos dados serve essencialmente um objectivo de precisão, que está ao nosso alcance e que nos permite trabalhar dados de alguma dimensão.

O *corpus* foi na sua totalidade submetido a uma avaliação quantitativa e qualitativa no sentido da determinação do perfil discursivo dos TVSI no DOE, nomeadamente no que respeita à sua distribuição pelos contextos pessoal, verbal e adverbial.

Relativamente aos contextos verbo-processuais (tipo de PV), e dada a extensão do *corpus*, a proposta de tratamento e abordagem das configurações intervalares de PV e sua relação com TV será aplicada apenas, exemplarmente, a um subconjunto de ocorrências: as ocorrências de TVSI em contexto de *processos* construídos com o VB *estar*. Este VB admite, como veremos, PV com diferentes tipos de *estruturas intervalares internas*. Classificaremos e quantificaremos globalmente essas diferenças; avaliaremos e mediremos, em concreto, a distribuição dos TV (e configurações resultantes) pelos diferentes tipos processuais.

⁷ Utilizámos a versão 10.0. Cf. Reis (1991), Pereira (1999).

2. Introdução ao tema

O *tempo verbal* é uma das formas de realização do *tempo linguístico* e tem por função central, tal como este, a *localização temporal dos processos verbais*. Como qualquer *tempo-localização* (linguístico ou não), o tempo linguístico (e com ele o tempo verbal) tem a sua origem num ponto de referência indexado a uma circunstância precisa, que passa a funcionar como *marco* fixo para um determinado universo de referências. No caso concreto do tempo linguístico, esse marco é o *intervalo da enunciação*: o tempo linguístico (tempo construído no/pelo discurso) é um *tempo deíctico*, ancorado, na sua génese, ao tempo do *eu-que-fala*. Em relação a este marco, os intervalos configurados na frase apresentam uma de três situações possíveis: ora são anteriores, ora são contemporâneos, ora são posteriores.

Mas a natureza dos intervalos não é a mesma nas diferentes formas do tempo linguístico. Os intervalos configurados em particular no tempo verbal correspondem aos intervalos de duração do *processo verbal* da frase em que o tempo verbal se insere, nisto se distinguindo de uma outra forma do tempo linguístico, o *tempo adverbial*, o qual pode configurar referencialmente intervalos de outra ordem, externos ao processo.

Na sua ligação, incontornável, ao *momento* (e ao *acto*) da *enunciação*, o tempo verbal adquire outras funções, mais ou menos próximas da de localização. Assim é que, paralelamente, ou complementarmente, sempre se atribuíram aos *tempos* do sistema verbal do português funções relacionadas ora com diferenças de opção (subjectiva) de foco ou de perspectiva sobre o desenrolar do processo (*aspecto*), ora com variações que reflectem abordagens subjectivas modais (*modo, modalidade*).

Inserido na *rede topológica* criada no próprio texto, o tempo-localização (o tempo verbal, mas também genericamente o tempo linguístico) assenta ainda na possibilidade de os factos se ordenarem, *secundariamente*, a partir de pontos criados no enunciado. Este processo de *transposição* ou *translação* tem expressão na organização do sistema verbal, que pode, assim, prever a oposição entre dois subsistemas de tempos: *sistema primário* e *sistema secundário* ou *sistema deíctico* e *sistema anafórico*.

Por outro lado, e ainda do lado das circunstâncias-origem do discurso, investigações linguísticas propõem para os tempos verbais funções relacionadas com variações nos *modos de enunciação*, isto é, com opções relacionadas com a *ancoragem* (ou não) dos factos ditos à instância subjectiva (e têmporo-espacial) em que tem *origem* o discurso. Uma das bases em que assenta esta proposta tem a ver com a capacidade, já referida, de o tempo verbal (e também, genericamente, o tempo linguístico) poder *transportar* o seu marco referencial para um ponto distinto do momento da enunciação – é "aí" que num dos modos de enunciação se vai basear também a *origem* (desancorada já totalmente do momento da enunciação) do universo de referências dos relatos fictivos (modo da *história* ou modo da *narração*). A relação entre o tempo verbal e os *modos de enunciação* é observável na distribuição dos *tempos* pelos diferentes tipos de textos – esta distribuição evidencia, de facto, diferenças fundamentais (*fundacionais*) do próprio acto de discurso.

Estes *modos de enunciação* são ainda tempo-localização. Mantém-se, assim, independentemente do tipo de texto, o modelo das três situações possíveis – anterior, simultânea ou posterior – relativamente ao ponto de referência que justifica o universo das coisas ditas.

Mas a temporalização dos processos não é apenas função de circunstâncias externas, relacionadas com o seu contexto discursivo-subjectivo. A configuração temporal dos factos ditos fica também na dependência de características temporais internas ao próprio processo. Desde sempre se distinguiram os verbos, de modo mais ou menos sistemático, de acordo com diferenças relativas genericamente ao modo e ao tempo de progressão interna das situações descritas (*modo de acção* ou *Aktionsart*). Opõem-se, então, os verbos (e os processos)⁸ pelo carácter *homogéneo* ou *heterogéneo* da sua progressão ou evolução no tempo, pela possibilidade de "exposição" da sua *duração* e pelo seu carácter mais ou menos *dinâmico*. Diferentes estudos demonstram, por outro lado, que há preferências e restrições de combinação entre os diferentes tipos de processo e os tempos verbais (a possibilidade de combinação com um desses tempos, o *progressivo*, funciona mesmo como teste para a verificação do tipo de verbo); mostram, por outro lado, que os resultados (configurações temporais) obtidos nestas combinações são também eles diversos.

⁸ Mantemos o termo *processo* para designar genericamente a estrutura semântica (referencial-temporal) da situação descrita na frase. *Processo* não deve confundir-se, assim, em particular neste ponto preciso da exposição, como referimos já, com o termo usado para nomear genericamente a estrutura aspectual (*Aktionsart*) das situações, nem, obviamente, nenhum dos seus subtipos.

Propomos, agora, que se distingam os processos verbais (na sua relação com o tempo-localização) por um outro aspecto da sua estrutura interna, a saber, os tempos e organização dos tempos (intervalos) das realidades neles envolvidas e a selecção do intervalo que vai constituir propriamente o *objecto da localização*. Os processos verbais (na sua configuração temporal interna) distinguir-se-ão, assim, concretamente, quer no número de intervalos (e respectivas *realidades*), quer na sua inter-relação material e temporal, quer ainda na natureza (e localização frásica) do *intervalo que vai ser submetido à localização têmporo-verbal* (a esta parte do processo e segmento que a representa na estrutura frásica chamaremos *núcleo temporal processual* e ao intervalo de tempo propriamente dito *intervalo processual verbal para localização*). Entendemos, neste sentido, que as configurações têmporo-verbais de localização (variação de *usos* e mesmo alternância de TV) dependerão também (para além de alterações no ponto de referência e na situação dos factos relativamente a esse ponto) de variações do nível do objecto (intervalo) disponível para localização, ou seja, dito de outro modo, da estrutura intervalar interna dos processos.

São cinco as motivações principais para a hipótese e proposta de abordagem do tempo verbal que aqui desenvolveremos: (i) em primeiro lugar, o conceito de *co-existência* que as gramáticas filosóficas associam ao verbo e à sua estrutura temporal; (ii) em segundo lugar, algumas observações precisas acerca da importância da consideração da *dimensão temporal-nominal* (parte envolvida na *co-existência*), para além da dimensão temporal-verbal, na descrição dos tempos das situações, e possíveis relações desta intervenção (e seus formatos) na combinação dos processos com os tempos verbais; (iii) observações acerca da particular relação entre certos verbos (*ser*, por exemplo) - e seu "tempo" (estrutura temporal intervalar) - e, genericamente, a dimensão têmporo-verbal; (iv) por outro lado, os números relativos à diferente distribuição, no discurso, dos *tempos* pelos verbos e seus tipos, nomeadamente os números que respeitam preferências verbais (e verbo-processuais) dos *tempos imperfectivos* – de certo modo, as configurações exemplares escolhidas pelos gramáticos para ilustrar os TV e seus valores são já disso reflexo; (v) ainda a observação de que determinadas configurações-resultado (*valores de uso*) atribuídas tradicionalmente aos *tempos* (a determinados *tempos*) reflectem diferenças não da ordem da localização (na tripla divisão de referência) ou de outra dimensão dependente de perspectivas assumidas a partir da *origem* do discurso, mas da ordem da estrutura intervalar inerente ao contexto processual verbal – referir-nos-emos, particularmente, ao valor de "*presente permanente*".

3. Organização da dissertação

Na *Parte I*, propomo-nos recuperar, em linhas gerais, os modelos de tratamento do sistema verbal do português propostos na gramática tradicional. Em concreto, resumiremos e discutiremos aspectos relacionados ora com a composição do sistema (número e natureza das formas), ora com as funções da sua organização e utilização (sobretudo, função temporal e função modal), ora com o tratamento dado centralmente aos conceitos de "*passado*", "*presente*" e "*futuro*" e, em particular, às três formas simples imperfectivas de PR, IMP e FUT, nomeadamente no que diz respeito às designações, definições, e aspectos relacionados com a sua contextualização (exemplos, usos e valores).

Na *Parte II*, esboçaremos, num primeiro momento, o caminho argumentativo que orientou e conduziu a nossa investigação, no sentido de localizarmos e enquadrarmos a proposta de abordagem no âmbito alargado dos estudos em semântica dos tempos verbais. Num segundo momento, apresentaremos os conceitos operatórios que delimitámos para a descrição e uma proposta de tipologia dos processos verbais, de acordo com variações na estrutura intervalar interna.

Na *Parte III*, procederemos à apresentação dos resultados do tratamento e descrição do *corpus*. Depois da apresentação dos números relativos ao perfil contextual dos TVSI, nomeadamente aos valores da sua distribuição global pelos contextos pessoal, verbal e adverbial (as variações na contextualização dos TV são as marcas mais acessíveis do seu comportamento diferenciado), demonstraremos a aplicabilidade da nossa proposta de abordagem no tratamento dos casos de actualização dos TVSI em contexto de PV construídos com o VB *estar*. Em páginas anexas à dissertação, apresentam-se algumas tabelas de frequências extraídas da base de dados, que servirão de apoio aos dados apresentados e comentados na *Parte III*.

Finalmente, alinharemos, em breves conclusões (*Conclusão*), o percurso da nossa investigação, nas suas diferentes etapas, resultados e conclusões mais importantes.